

Pereira, F. C. S. M. et al.



## PESQUISA

**Acadêmico de enfermagem frente à morte no campo de prática hospitalar**  
*Nursing students behavior towards deaths in the hospital environment*  
*Enfermería académico a la muerte en frente de prácticas de campo del hospital*

Francisca Carla Silva de Melo Pereira<sup>1</sup>, Isabel Cristina Cavalcante Moreira Carvalho<sup>2</sup>, Leda Maria da Silva do Vale<sup>3</sup>, Naldiana Cerqueira Silva<sup>4</sup>, Eronice Ribeiro de Moraes<sup>5</sup>

**RESUMO**

A morte ainda é muito estigmatizada, é uma fase da vida ao qual o ser humano nunca estar suficientemente preparado para encarar. Objetivou-se compreender como os acadêmicos de enfermagem enfrentam a morte no campo de prática hospitalar. Pesquisa descritiva exploratória, qualitativa, desenvolvida em uma instituição privada de Ensino Superior de Teresina-PI por meio de entrevista com roteiro semi-estruturado, e análise com base na Análise de Conteúdo de Minayo. Categorias: experiências de vivenciar a morte durante a vida acadêmica e sentimentos e expectativas de vivenciar a morte no campo de prática hospitalar. Compreendeu-se o enfrentamento dos acadêmicos de enfermagem diante da morte no campo de prática hospitalar, bem como identificação dos sentimentos dos acadêmicos de enfermagem diante da morte durante a vivência no campo de prática hospitalar. Os acadêmicos de enfermagem apesar de todo o embasamento teórico/científico, ainda não estão completamente preparados para lidar com a temática morte no contexto da assistência. **Descritores:** Morte. Enfermagem. Assistência.

**ABSTRACT**

Death is still very stigmatized, is a phase of life which human beings never be adequately prepared to face. This study aimed to understand how nursing students face death in field hospital practice. Exploratory, descriptive qualitative research carried out in a private institution of higher education in Teresina -PI. Data collection: interview with semi-structured, analyzed based on content analysis Minayo. Categories: experiences death experience during their academic life and feelings and expectations of experiencing death in the field hospital practice. It was understood the coping of nursing students towards death in field hospital practice, as well as identifying the feelings of nursing students towards death during the experience in the field of hospital practice. Nursing students despite all the theoretical / scientific background, are not yet fully prepared to deal with the death theme in the context of care. **Descriptors:** Death. Nursing. Assistance.

**RESUMEN**

La muerte es todavía muy estigmatizada, es una fase de la vida que nunca los seres humanos adecuadamente preparados para enfrentar. Este estudio tuvo como objetivo comprender cómo los estudiantes de enfermería se enfrentan a la muerte en la práctica hospitalaria campo. Investigación cualitativa exploratoria, descriptiva realizada en una institución privada de educación superior en Teresina -PI. La recolección de datos: entrevista con semi-estructurada, analizados por análisis de contenido Minayo. Categorías: experiencias de experiencia de la muerte durante su vida académica y los sentimientos y expectativas de experimentar la muerte en el hospital de campaña de la práctica. Se entendió el afrontamiento de los estudiantes de enfermería hacia la muerte en la práctica hospitalaria campo, así como la identificación de los sentimientos de los estudiantes de enfermería hacia la muerte durante la experiencia en el campo de la práctica hospitalaria. Los estudiantes de Enfermería a pesar de todos los antecedentes teóricos / científicos, aún no están completamente preparados para hacer frente al tema de la muerte en el contexto de la atención. **Descritores:** Muerte. Enfermería. Asistencia.

<sup>1</sup> Professora Mestre da Graduação em Enfermagem da Faculdade Integral diferencial - FACID/Devry. E-mail fcarla.melo@bol.com.br <sup>2</sup> Enfermeira. Mestre. Coordenadora do Curso de Enfermagem e Professora do Curso de Enfermagem da Faculdade Integral diferencial - FACID/Devry, Professora do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Piauí. Teresina. PI, Brasil. E-mail imoreira@facid.edu.br <sup>3</sup> Aluna de graduação do Curso de Enfermagem da Faculdade Integral Diferencial - FACID. Teresina, PI, Brasil. E-mail: Leda\_vale@hotmail.com <sup>4</sup> Enfermeira. Mestre. Professora do Curso de Enfermagem da Faculdade Integral diferencial - FACID/Devry, Professora do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Piauí. Teresina. PI, Brasil E-mail: naldianacerqueira@bol.com.br <sup>5</sup> Enfermeira. Mestre em Enfermagem pela UFPI.

Pereira, F. C. S. M. et al.

## INTRODUÇÃO

A morte é um processo gradativo e destinado ao homem. A partir do momento que passa a ser compreendido como um processo de finitude, a morte deixa ser vista como um fracasso e é vista como algo natural e inerente a todos sem distinguir classe, cor, gênero, nível social ou intelectual (LEINA; ELTINK, 2011).

As representações da morte sofreram umas alterações em suas características ao longo dos séculos, ao qual, passou a ser aceita como processo natural. Embora faça parte do ciclo natural da vida, a morte ainda nos dias atuais é um tema polêmico, às vezes evitado e por muitas pessoas (KOVÁCS, 1992).

Preocupar-se com os aspectos emocionais do enfermeiro e preparar os acadêmicos no âmbito da faculdade pode ser uma estratégia importante para que os enfermeiros estejam mais preparados para lidar com a família e/ou o paciente perante a morte.

Esta pesquisa surgiu, portanto, durante a vivência no campo de prática hospitalar, onde se pôde observar dificuldades dos enfermeiros em lidar com a morte durante a assistência de enfermagem. Com isso verificou-se a necessidade de compreender o enfrentamento dos acadêmicos de enfermagem no campo de prática hospitalar, por serem futuros profissionais que estarão vivenciando a morte do paciente durante seu exercício profissional.

Para tanto, colocou-se como questão norteadora desse estudo: Como os acadêmicos de enfermagem se comportam perante a morte durante a assistência no campo de prática hospitalar? E que sentimentos são percebidos diante da morte no contexto da assistência?

Com base nessa questão, o presente estudo teve como objetivo geral, compreender como os acadêmicos de enfermagem enfrentam a morte no R. Interd. v. 7, n. 4, p. 124-130, out. nov. dez. 2014

campo de prática hospitalar. E mais especificamente descrever o comportamento dos acadêmicos de enfermagem diante da morte no campo de prática hospitalar e identificar os sentimentos dos acadêmicos de enfermagem diante da morte no campo de prática hospitalar.

Para uma melhor explicação da temática abordada, o referencial teórico do presente estudo está dividido em quatro capítulos que versam sobre o seguinte tema: Morte e sua representatividade; A morte e o profissional de enfermagem; Reações emocionais frente à morte no contexto assistencial; O preparo dos acadêmicos de enfermagem para lidar com a morte.

## METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritivo-exploratória com abordagem qualitativa que é a melhor forma de investigar grupos e segmentos da história social sobre ótica dos participantes, de relações e análises de discursos e documentos (MINAYO, 2008). Ela tem aplicabilidade no estudo da história, das relações, das crenças, das representações, das percepções e opiniões. Esse método permite desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos propiciando a construir novos conceitos e categorias durante a investigação.

A pesquisa exploratória propicia maior familiaridade com o problema, tornando-o mais claro ou a construir hipóteses (GIL, 2007).

É um estudo descritivo porque busca investigar o problema da pesquisa e que tem como finalidade observar, descrever, explorar, classificar, e interpretar aspectos de fatos ou fenômenos (DYNIEWICZ, 2007).

O estudo foi realizado em uma instituição privada de ensino superior, onde os dados foram coletados de acordo com a disponibilidade de tempo dos participantes. Os participantes do estudo foram 14 acadêmicos de enfermagem da

Pereira, F. C. S. M. et al.

instituição pesquisada de acordo com os critérios de inclusão. Foram inclusos na pesquisa acadêmicos de enfermagem do VII e VIII bloco que aceitaram participar da pesquisa. E excluídos acadêmicos de enfermagem do VII e VIII bloco provenientes de outra instituição. A quantidade de participantes foi determinada considerando a saturação das respostas durante a coleta de dados.

Os dados qualitativos foram organizados em categorias de acordo com os objetivos da pesquisa, o pesquisador analisou e interpretou as informações além de fazer um comparativo com a literatura.

Foi realizada uma análise categorial temática que resultou na interpretação dos relatos dos sujeitos. No processamento e organização dos dados obtidos, foi realizada a transcrição fiel das entrevistas colhida. Os trechos relatados pelos sujeitos da pesquisa foram relacionados ao referencial teórico a respeito do tema em caráter complementar para discussão dos resultados obtidos.

A coleta de dados só foi possível mediante a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa, bem como a autorização da Instituição.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Foi realizada uma leitura das entrevistas, com finalidade de observar o conteúdo das falas dos sujeitos, caracterizando suas semelhanças e em seguida definido tema a ser abordado na análise dos dados e agrupado em duas categorias: Experiências de vivenciar a morte durante a vida acadêmica e sentimentos e expectativas de vivenciar a morte no campo de prática hospitalar.

### **Experiência de vivenciar a morte durante a vida acadêmica.**

A morte está presente no cotidiano da enfermagem, principalmente nos hospitais onde há um maior número de enfermos acometidos de doenças graves, por isso é comum situações que envolvem a morte do paciente, e com isso desperta sentimentos de tristeza, fracasso, impotência, pena e angústia, como pôde-se observar nas falas das depoentes 1 e 14:

[...] A sensação de impotência, por mais que faça parte da rotina do nosso trabalho, saber que não pode fazer nada por aquela pessoa é horrível. (Depoente 1). Senti impotência por não resolver o problema do paciente e vê-lo morrer sem dúvida foi a prova disso. (Depoente14).

Em relação à impotência, verifica-se que o homem atual encontra-se despreparado para enfrentar a morte como um fato, posto que sua emergência vem sempre acompanhada da ideia de fracasso do corpo do sistema de atenção, da sociedade, das relações com Deus e com os homens, ou seja, por mais que a tecnologia possa vir a contribuir com todo o seu aparato, nem sempre é o suficiente e, quando isso ocorre, o homem, geralmente sente-se impotente (SILVA; SILVA, 2007).

Sentir-se impotente é um tipo de sentimento comum, além de uma preocupação pessoal. É como se nesses momentos estivessem diante da fragilidade de sua existência, recordando-se de sua própria finitude e da possibilidade de viver a mesma situação de seus pacientes e suas famílias (PEDROSA; NEIVA; CUNHA, 2010).

Outro sentimento semelhante ao de impotência é o de fracasso, verificou-se através da fala dos participantes que a presença da morte aflora tal sentimento, isso decorre pelo fato dos acadêmicos apesar de concordar que a morte é inerente a existência humana, encontram dificuldades para encarar tal fato como parte integrante da vida.

Pereira, F. C. S. M. et al.

[...] O paciente que está ali, a beira da morte e você não pode fazer nada por ele e esse paciente vem a óbito, vem um sentimento de fracasso, um vazio. (Depoente 12).

A grande dádiva da negação é permitir que se viva num mundo de fantasia, onde há a ilusão da imortalidade e que a morte no hospital é encarada como um fracasso (DANTAS, 2010).

Um sentimento bastante citado pelos participantes da pesquisa foi o de tristeza, como aborda os sujeitos 05 e 13:

É uma situação muito triste e comovente diante dos familiares, mas é preciso manter a postura e o emocional. (Depoente05). Triste e conformado, pois foi feito o possível para salvar a vida do paciente, e isso trás um certo conforto. (Depoente 13).

O acadêmico de enfermagem está diariamente exposto a diversas situações que envolvem emoções, uma delas é quando o paciente que ele acompanha vem a óbito, o sentimento de tristeza surge naturalmente, mesmo sabendo que a morte faz parte da vida, ainda não é bem aceita, tanto pelo profissional que não se conforma em perder o paciente que antes o assistia, quanto para seus familiares que agora terão que levar a vida sem seu ente querido.

A morte tanto por causas naturais ou provocadas é algo que vai acontecer com todo mundo, e por mais triste que seja perder alguém de quem gostamos, a morte acontecerá independente da nossa vontade, é o ciclo da vida que acaba (DANTAS, 2010).

Para muitos profissionais da área da saúde, o primeiro contato com a morte é em sala de aula, na disciplina de anatomia, diante do cadáver. Sendo assim este acaba por ser o primeiro paciente de muitos estudantes. Diante do corpo sem vida, o acadêmico de enfermagem pode se sentir protegido das angústias que a prática direta

com doentes ocasiona (KUHN; LAZZARI; JUNG, 2011).

[...] senti uma angústia, mas me mantive forte, e fiz meu papel. No momento do ocorrido, é necessário manter a postura nesse momento até mesmo para tranquilizar os familiares. (Sujeito 02). Como só observei de longe e não tive muito contato com a paciente, não me envolvi muito, mas fiquei angustiada mesmo assim. (Depoente 04).

Todo profissional da área da saúde, lida diariamente com conflitos que surgem no dia-dia, e a morte por mais natural que seja, é um desses conflitos e o enfermeiro/acadêmico de enfermagem está ligado a esse fator estressante que gera sem dúvida alguns sentimentos como a angústia. Por mais que esteja preparado e por mais que já tenha vivenciado várias vezes a morte, há sempre um momento de reflexão e de dor.

Apesar de ser vista e refletida de diferentes modos, o ser humano ainda possui medo do que não conhece isso inclui questões relacionadas com a morte e o próprio evento, mesmo com todo o avanço da medicina, dos prognósticos e tratamento que prolongam a vida, a morte ainda não foi vencida e produz angústia e medo (BATISTA; GERHARDT, 2010).

Uma pequena parte dos entrevistados revelou o sentimento de frieza durante seus relatos, muitas vezes essa frieza é vista como forma de se proteger do sofrimento e desestabilização que a morte poderia causar. Ao utilizar esse mecanismo de defesa, pode-se criar uma armadura protetora, que se manifeste numa aparente insensibilidade e frieza, impedindo o profissional de crescer humana e profissionalmente interferindo negativamente na sua forma de cuidar do paciente em processo de morte (MOTA, 2011).

[...] Nada que me abalasse muito, apesar de ter feito tudo que tava ao meu alcance, com toda a equipe que fez o necessário

Pereira, F. C. S. M. et al.

para manter a vida do paciente, Não me abalei com o fato. (Depoente 03). Não senti nada, pra mim é normal, faz parte da profissão que escolhi pra minha vida (Depoente 11).

A convivência diária com a morte acaba fazendo com que os profissionais encarem a morte com uma certa frieza ou indiferença, dessa maneira, como tentativa de se proteger ocorre o isolamento do medo e da angustias e assim o profissional nega seus sentimentos por entender muitas vezes que o bom profissional é aquele que é frio em suas ações. Ou seja, para buscar uma auto preservação e evitar sentimentos indesejáveis diante do sofrimento provocado pela morte esses profissionais mantêm uma certa frieza diante do fato (KUSTER; BISOGNO, 2010).

#### **Sentimentos e expectativas de vivenciar a morte no campo de prática hospitalar**

Nesta categoria os aspectos percebidos em relação às expectativas vivenciadas pelos acadêmicos ao lidar com a morte no campo de prática foram que muitos dos entrevistados relataram que apesar de toda a carga horária prática e da disciplina de tanatologia que foi inserida na grade curricular de enfermagem, ainda não se sentem seguros suficiente, embora haja com naturalidade e de forma profissional, a grande maioria relatou um certo receio, outros enfatizaram não ter nenhum problema com o evento morte e que se sentem prontos para enfrentar caso ocorra.

[...] Depende, a gente fica emocionado, mas procura agir conforme estamos sendo treinados no curso. (depoente 10). Nunca estamos preparados, mas é um momento em que devemos orientar dar apoio e ajudar os familiares do paciente. (Depoente 11).

Mesmo com o avanço e terapêutico em saúde, os profissionais não estão preparados para lidar com pessoas em processo de morte, assim R. Interd. v. 7, n. 4, p. 124-130, out. nov. dez. 2014

como seus medos e emoções. O preparo desses profissionais deve englobar conteúdos que possibilitem diminuir seus receios e aliviar suas tensões (BERNIERI; HIRDES, 2007).

O profissional de saúde deve estar preparado para lidar com possíveis fortes emoções da família, que variam de acordo com o vínculo que cada um tem com o doente (DANTAS, 2010). Dessa maneira se torna mais fácil a comunicação na hora de informar ao acompanhante sobre a morte do seu ente querido, trazendo assim uma certa segurança para o profissional enfermeiro.

[...] A perda de um ente querido de uma família seja ela qual for, seja do paciente ou minha, abala qualquer pessoa que preze a família (Depoente 09). Estou me preparando cada vez mais, logo sou muito emotiva com certas situações. E sei que é necessário preparar-me para conviver no meu ambiente de trabalho. (Depoente 05).

Muitos entrevistados relataram que apesar das dificuldades vivenciadas em relação a morte do paciente, encontram sim, preparados para lidar com a morte e que a disciplina de tanatologia contribuiu de forma significativa, proporcionando uma compreensão mais ampla do tema, bem como reflexões de situações que podem ser vivenciadas pelos acadêmicos durante as práticas de graduação.

Ao proporcionar ao acadêmico um esclarecimento sobre o que realmente é a morte, o professor enriquece o esse conhecimento a acerca de tal processo, facilitando assim para o acadêmico o enfrentamento diante do evento morte (BERNIERI; HIRDES, 2007). *Hoje devido a grande carga horária de prática e vivencias, me encontro preparada para lidar com a morte no ambiente de trabalho* (Depoente 8).

[...] Como não sou muito emotiva, consigo lidar bem com essas situações e hoje sinto que sou capaz de conduzir essa situação (Depoente 6). Todos nós vamos morrer um dia, é um fato triste, porém inevitável e

Pereira, F. C. S. M. et al.

no momento que acontecer estarei pronta para agir. (Sujeito 07).

O profissional de enfermagem assim como todo ser humano, passa por profundos dilemas existenciais quanto ao enfrentamento e vivência da morte em seu ambiente de trabalho ou no campo de prática. Na maioria das vezes, esse profissional, ainda como acadêmico, não tem a maturidade para refletir sobre a morte, podendo ser pego de surpresa, não conseguindo prestar assistência devida. Nota-se que apesar do conhecimento a cerca da disciplina e do conhecimento teórico-científico em sala de aula, alguns dos acadêmicos ainda se mostraram inseguros nas questões das habilidades do cuidar.

O enfrentamento da morte é difícil e angustiante para quem vivencia, podendo ser mais ainda para quem a observa, pois a morte provoca rupturas profundas entre quem morre e quem continua vivo. Isso requer reajustamento no entendimento, na percepção, e a vivência no mundo, assim como na nossa cultura (LEINA; ELTINK, 2011).

## CONCLUSÃO

O estudo teve como propósito compreender como os acadêmicos de enfermagem lidam com a morte no contexto assistencial, identificando os sentimentos vivenciados pelos acadêmicos de enfermagem diante da morte do paciente. Mostrou que ainda não há uma homogeneidade com relação ao preparo dos acadêmicos em lidar com a morte, uma vez que os estudantes não se encontram completamente preparados para lidar com a morte do paciente.

Sobre as reações emocionais dos acadêmicos, constatou-se sentimentos como tristeza, impotência, fracasso, angústia e frieza, percebeu-se também que esses sentimentos trazem uma

descarga emocional muito grande interferindo no modo de lidar com a morte no dia-a-dia e que o sentimento de frieza é uma maneira de mascarar o real sentimento vivenciado pelo acadêmico.

Os resultados indicaram que os acadêmicos apesar de todo o amparo teórico científico e da carga horária da disciplina de tanatologia, alguns encontram dificuldades em lidar com a morte do paciente e não conseguem ver como um fenômeno natural que faz parte do desenvolvimento humano. Por isso a importância de observar as dificuldades individuais e coletivas, os sentimentos e situações que ocorrem durante a assistência hospitalar, para que essas dificuldades sejam superadas através de conteúdos abordados em sala de aula e na prática.

Observou-se que enquanto uma parte dos participantes sente-se meio inseguros e até mesmo indiferentes ao se tratar da temática morte, outra parte se julga capaz e preparado para lidar com o evento. Muitos entrevistados relataram êxito ao lidar com situação morte do paciente e enfatizaram a importância da disciplina no curso.

Diante do exposto, conclui-se que ainda existe uma carência em relação à morte do paciente e que de modo geral o estudante de enfermagem ainda está sendo preparado para lidar com questões emocionais que refere dor e perda relacionado ao paciente.

## REFERÊNCIA

BATISTA, A. C. de F.; GERHARDT, L. M. **Os sentimentos da equipe de enfermagem diante da morte de crianças e adolescentes hospitalizados: uma revisão integrativa.** Trabalho de conclusão de curso. 2010. (Graduação em enfermagem) Instituto Fayol de Ensino Superior, Porto Alegre, 2010.

Pereira, F. C. S. M. et al.

BERNIERI, J; HIRDES, A: O preparo dos acadêmicos de enfermagem brasileiros para vivenciarem o processo morte-morrer. **Texto & contexto**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 89-96, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v16n1/a11v16n1> >. Acesso em: 28/03/2013.

549-554, out./dez., 2007. Disponível em:<<http://www.facenf.uerj.br/v15n4/v15n4a12.pdf>. > Acesso em: 02 mai. 2013.

**Submissão: 17/11/2013**

**Aprovação: 23/09/2014**

DANTAS, J. B. O desafio de ser mortal: um ensaio sobre a questão da morte na atualidade. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, dez. 2010.

DYNIEWICZ, A. M. **Metodologia da pesquisa em saúde para iniciantes**. São Caetano do sul-SP: Difusão, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KUHN, T.; LAZZARI, D. D.; JUNG, W. Vivências e sentimentos de profissionais de enfermagem nos cuidados ao paciente sem vida. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v. 6, n. 64, p. 1075-1081, 2011.

KUSTER, D. K.; BISOGNO, S. B. C. A percepção do enfermeiro diante da morte dos pacientes. **Disc. Scientia.**, Santa Maria, v. 11, n. 1, p. 9-24, 2010. Disponível em:<<http://sites.unifra.br/Portals/36/Saude/2010/02.pdf>> Acesso em: 22 mar.2014

LEINA, J.; ELTINK, C. F. A visão do graduando de enfermagem perante a morte do paciente. **Revista Nursing**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, p. 176-182, 2011.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MOTA, M. S. et al. Reações e sentimentos de profissionais da enfermagem frente à morte dos pacientes sob seus cuidados. **Rev Gaúcha Enferm**, Porto Alegre, v. 1, n. 32, mar, 2011. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v32n1/a17v32n1.pdf> > Acesso em: 01 mai. 2013.

PEDROSA, R. C.; NEIVA, M. J. L. M.; CUNHA, V. P. **Reações emocionais do profissional enfermeiro frente ao processo de morte do paciente**. Teresina (PI), 2010. 76 f.

SILVA. A. M. S.; SILVA, M. J. P. A preparação do graduando de enfermagem para abordar o tema morte e doação de órgãos. **Revista de Enfermagem UERJ**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. R. Interd. v. 7, n. 4, p. 124-130, out. nov. dez. 2014